

“O Património Artístico do Centro Histórico de Guimarães (sécs. XII a XVIII)”

António José de Oliveira

26

(Mestre em Estudos Medievais e Doutorando em História da Arte Portuguesa na FLUP-UP)



O “sítio” e a “situação” do velho casario aglomerado em torno do espaço intramuros de Guimarães, conserva um riquíssimo património mercê dos acontecimentos históricos ligados ao poderio real e eclesiástico, da posição privilegiada do cruzamento de estradas, que desde cedo permitiu o aparecimento de uma próspera comunidade de mercadores e enfim não menos importante, o aspecto sociológico de ter uma “elite” com certo poder político e económico no noroeste de Portugal.

Todos estes factores contribuíram para que desde muito cedo, mesmo antes da afirmação da Nacionalidade se desenvolvesse a urbe vimaranense, cuja importância se estendia muito para além do âmbito local, tornando-se mesmo um dos mais importantes aglomerados do Entre-Douro-e-Minho.



Foto 1 – Vista aérea do centro Histórico de Guimarães (Câmara Municipal de Guimarães - 2001)

Como não poderia deixar de ser, o próspero crescimento do aglomerado atraiu à vila um número crescente de habitantes dos mais diversos ofícios e estratos sociais que obviamente imprimiram uma fisionomia característica à estrutura urbana, mas que cuja tipologia própria se reflecte na existência de um dédalo de ruas medievais confinadas numa malha urbana estreita, que nos oferecem muitas vezes a surpresa de desembocar em praças monumentais ou em espaços valorizados com edifícios de mole imponente construídos em época posterior já no século XVII e XVIII, em que as edificações de estilo Barroco e Rococó se destacam no meio do apinhado casario medieval.

O núcleo urbano do centro histórico de Guimarães que desde cedo foi importante, não é de estranhar que tenha atraído uma diversidade de artesãos e mestres de diversos ofícios, que para além de contribuírem por iniciativa própria ou por outrem para a transformação e enriquecimento do património construído, deram uma feição peculiar à morfologia urbana do burgo, não apenas em relação à tipologia das construções, mas também a ruas inteiras, onde surgem ligados aos diversos mesteres.

Nesta cidade podemos ainda hoje, constatar o labor artístico de mestres oriundos de diferentes locais do noroeste peninsular, que encontravam um desenvolvimento construtivo bastante significativo nesta urbe, que lhes possibilitava manter em laboração toda a sua vasta oficina que compreendia aprendizes, obreiros e oficiais.

O burgo vimaranense, nascido na centúria de Novecentos, quando a condessa Mumadona Dias aí decide construir um mosteiro, foi fortalecido, no final do século XI, quando D. Henrique e sua mulher D. Teresa aí se estabelecem como detentores do Condado Portucalense, e o velho cenóbio dá, mais tarde, origem a uma Colegiada. Seu filho, D. Henrique, conquista em Guimarães o direito ao trono do condado e do reino que haveria de ser Portugal.

O burgo, nascido no século X sobre o culto divino a O Salvador e a Santa Maria, cedo elege como sua protectora Santa Maria de Guimarães, que, com o correr dos anos e a devoção dos homens, passa a designar-se Nossa Senhora da Oliveira.

A actual cidade de Guimarães, vila até 22 de Junho de 1853, desenvolveu-se à volta de dois pólos geradores e aglutinadores, o castelo e a Colegiada (cuja origem se detecta no início da centúria de 1100), demonstrando vivacidade para ser auto-suficiente, e se fundiram por ordem de D. João I, em 1389. É à sombra do castelo e do mosteiro, que nascem os dois focos de povoamento organizados como resposta às solicitações de protecção religiosa e defensiva do burgo e das populações vizinhas.



Foto 2 – Vista área do Castelo de Guimarães (C.M.G. – 2001)

Nesta vila bipolar e policêntrica, começaram-se a organizar vários eixos de circulação, através da abertura de arruamentos e construção de edifícios, que se aí foram estruturando.

No século XIV, D. João I manda construir uma nova igreja cujas obras no templo e no claustro ainda decorrem no primeiro quartel do século XV; também neste período, e por intercessão do mesmo rei se inicia a edificação da casa da Câmara. No claustro da Colegiada constrói-se a capela da Confraria do Serviço (1419-1421); no Largo da Igreja da Oliveira, edifica-se o padrão em honra da Batalha do Salado. Dá-se início à construção da residência senhorial do 1º Duque de Bragança e a várias casas sobradadas no miolo do burgo. No século XVI, a Colegiada é ampliada com a construção de uma torre na sua fachada principal aí se instalando a capela tumular dos Pinheiros. Um filho destes, D. Prior da Colegiada no 1º quartel do século XVI, renova o claustro da Colegiada.



Foto 3 – Vista área Colegiada de Nossa Senhora da Oliveira (C.M.G. – 2001)

A vila de Guimarães transformara-se na Idade Média, num grande centro religioso, aonde afluíam imensos romeiros e peregrinos. Todo este afluxo de gente teria provocado a construção de hospitais, albergarias e estalagens nas proximidades da igreja de Santa Maria, para o recolhimento e agasalho de todos aqueles que aí vinham em romagem. Por exemplo, a Confraria do Serviço de Santa Maria, inicia em 1540, operou um processo de ampliação do seu hospital localizado no Adro de S. Paio. Trata-se de um processo de vitalidade e de ampliação do seu hospital numa tendência contrária de fusão e uniformização dos serviços de assistência

hospitalar numa só instituição que muitas vezes eram tutelados pelas Santas Casas de Misericórdia.

Desde os finais do século XIV, está devidamente documentada em Guimarães, a presença de mestres pedreiros provenientes de reinos ou regiões peninsulares, para além das fronteiras de Portugal, como Castela, Biscaia e Galiza.

Com as obras de reconstrução da igreja de Santa Maria, patrocinadas por D. João I em agradecimento pela vitória em Aljubarrota, ao mestre pedreiro João Garcia de Toledo coube a direcção do estaleiro, no qual colaboraram pedreiros galegos. Estas obras iniciaram-se a 6 de Maio de 1387, tendo sido concluídas em 1400 quando se realizou a sagração do altar-mor do templo. Em 1392, ao mesmo tempo que executava esta empreitada, o mestre toledano trabalhou nas obras do chafariz da Praça, recebendo 800 libras do concelho.

Após a morte de João Garcia, segue-se um interregno de testemunhos da presença em Guimarães de pedreiros oriundos de outras zonas da península. Desde os finais do século XV, que a actividade de mestres biscainhos no Minho está devidamente conhecida. Porém, torna-se necessário avançar até ao século XVI, para reencontrarmos dois mestres biscainhos a exercer a sua actividade em Guimarães. O primeiro testemunho é assinalado pela presença de João de Castilho, o mais importante mestre pedreiro natural da Biscaia, que durante o primeiro quartel do século XVI trabalhou em várias localidades do Noroeste de Portugal: Vila de Conde, Braga e Guimarães. Nesta última vila, arrematou a construção de uma ponte.

Em 1540, temos conhecimento da existência de outro pedreiro biscainho que contrariamente a João de Castilho estava estabelecido nos arrabaldes de Guimarães. Trata-se de João Fernandes Biscainho morador na rua de Santa Luzia, que arremata as obras de pedraria referentes à remodelação e ampliação do hospital da Confraria do Serviço de Santa Maria, localizado no adro de S. Paio, pela quantia de 5000 reais.

No século XVII e durante a centúria seguinte, a morfologia urbana da vila de Guimarães sofre alterações significativas, particularmente no levantamento e remodelação de edifícios religiosos e civis. As entidades que patrocinaram este surto construtivo foram: Cabido da Colegiada, mosteiros mendicantes, conventos femininos, Ordens Terceiras (S. Francisco e S. Domingos), Misericórdia, irmandades, para além de uma clientela nobre. Destaca-se também o mecenato do arcebispo D. José de Bragança que aqui fixou residência (1746-1748). Todos estes encomendadores favoreceram a laboração de destacados mestres oriundos de Barcelos, Braga, Porto e da Galiza. A actividade arquitectónica nessa época em Guimarães desenvolveu-se em

três grandes áreas: imóveis construídos de raiz; conclusão de programas construtivos anteriores; e acrescentamento de estruturas barrocas nos edifícios medievais.

Ao longo de todo o século XVIII, assistimos, quer na fase barroca e posteriormente no período rococó, à liderança em termos artísticos, do Porto, Braga e Guimarães, na época os principais aglomerados populacionais e centros da actividade económica do noroeste português. Não admira pois que, em Guimarães e no seu termo surgissem várias oficinas com uma intensa actividade num meio em constante animação. Neste contexto, a documentação conhecida aponta para o afluxo de mestres originários de outras localidades para a arrematação e concretização das empreitadas, facto que permitia manterem em laboração toda a sua vasta oficina que compreendia aprendizes, obreiros e oficiais. Além disso, é necessário ter presente, que muitos destes artistas arrematavam as obras de pedraria e talha em sociedade, originando assim que muitas das obras de pedraria e talha existentes em Guimarães fossem o resultado de um complexo trabalho de parceria entre mestres do mesmo ofício. Assim se compreende a grande quantidade de pedreiros, carpinteiros, escultores, entalhadores, ensambladores, pintores, ourives e oleiros residentes na vila e seu termo e, os que para aí se deslocavam para a feitura de encomendas.

Durante a centúria de setecentos e a primeira metade de oitocentos, e no que diz respeito aos domínios da arquitectura, da talha e pintura, figuras como Pantaleão da Rocha, António Gomes, Filipe da Silva, Manuel da Costa Andrade, Miguel Francisco da Silva, José Álvares de Araújo, Manuel Álvares de Araújo, Domingos Francisco Vieira, António José Pereira de Santa Ana, João do Couto Teixeira, João Pereira Cardoso e Luís Pinto Leitão, Manuel Luís e Manuel da Costa, António Pereira, Domingos da Costa, João Moreira Bouça, Bernardo José da Silva, Manuel Fernandes da Silva, André Soares, Fr. José de Santo António Vilaça, Carlos Amarante, Manuel Moreira da Silva e Luis Inácio de Barros Lima exerceram o seu saber na vila. Essa importante obra, por vezes executada em parcerias estabelecidas com mestres locais, aportou uma determinante mais-valia à formação empírica destes artífices. Deste modo, a mobilidade dos artistas e artífices permitiu às oficinas locais um contacto com a obra de outros mestres e arquitectos, ou seja, uma aprendizagem técnica e uma transmissão do saber adquirido em longas práticas oficinais que, dando continuidade a velhos discursos ou introduzindo novos, se materializou nas encomendas, sujeitas, também elas, a esta apertada rede de clientelismo.

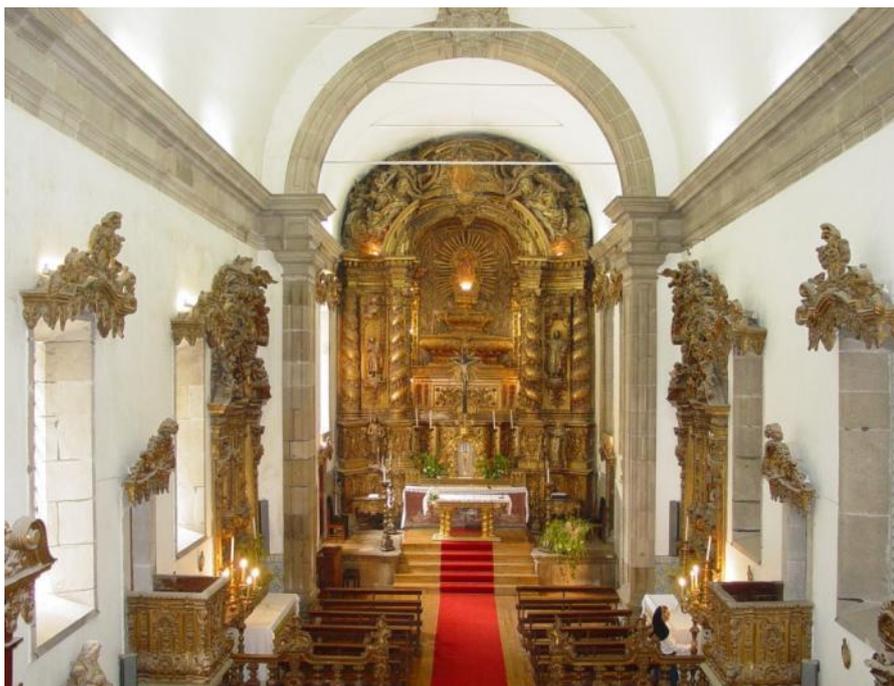


Foto 4 – Talha da igreja do Convento do Carmo, entalhada por José Álvares de Araújo

Simultaneamente entre os mestres criavam-se estreitas redes de solidariedade relativas a sociedades e parcerias, trespases de obras, fianças e ligações familiares, que vão desenvolver no seu interior, atitudes e orientações que são aceites pela maioria. Estas malhas moldavam os comportamentos individuais contribuindo assim para a coesão dos artistas e para uma melhor comunicação entre eles.

Apesar dessa concorrência, que foi também uma aprendizagem, as inúmeras encomendas laicas e eclesiásticas de Guimarães permitiram que na vila e no seu termo se desenvolvessem, ou fixassem com carácter de maior ou menor permanência, oficinas que respondiam a essas solicitações. Na obra de talha, várias famílias alcançaram uma notável projecção. Pedro Coelho, escultor e entalhador juntamente com seu genro Miguel Correia na freguesia rural de S. João de Gondar. O mestre entalhador Ambrósio Coelho com oficina na freguesia de Santa Cristina de Serzedelo que executou vários trabalhos desde Viana de Castelo, passando pelo Bom Jesus de Matosinhos, até ao mosteiro de Arouca. Ao longo de duas gerações, os Correia Vale executaram programas de talha concebidos por conceituados artistas, abalaçando-se simultaneamente à concepção de obras de talha, de pedraria e de arquitectura, como aconteceu com tantos outros mestres entalhadores. Dessas realizações, destaquemos a execução em 1763 da fachada de Santo António dos Capuchos pelo mestre entalhador António da Cunha Correia Vale. José António da Cunha, terá sido, como o tio, um dos mais notáveis mestres entalhadores de Guimarães nas décadas de setenta e oitenta do século XVIII.

Responsável igualmente por riscos para obras de talha e de arquitectura, muitos deles desenvolvidos para o cabido vimaranense, esta sua incursão por outras disciplinas terá alcançado algum êxito, tendo desenhado a fachada da igreja da Ordem Terceira de S. Domingos em 1784.



Foto 5 – Fachada da Igreja do Convento de Santo António dos Capuchos

Na pedraria encontramos um mestre canteiro galego Vicente José de Carvalho radicado na freguesia de Fermentões (arrabaldes de Guimarães) onde mantém uma oficina, que se prolongará no tempo através do seu filho.



Foto 6 – Casa dos Lobos Machado, obra dos mestres pedreiros galegos Amaro José Farto e Vicente Carvalho

A vila de Guimarães, desde os finais do século XIV até ao século XVIII, organizava-se a partir de um núcleo ordenador do espaço urbano, a Praça de Santa Maria da Oliveira, de onde irradiavam as principais artérias – rua de Santa Maria e rua dos Mercadores – que, por sua vez, geravam com as suas ramificações uma malha urbana extremamente interessante. Com as suas portas, as suas praças, os seus terreiros, e seus rocios, Guimarães apresenta-nos uma articulação intra e extramuros que, em grande parte, subsiste até à actualidade.



Foto 7 – Praça de Santa Maria da Oliveira



Foto 8 – Rua de Santa Maria

Neste contexto urbano iremos encontrar disseminadas pelo casco histórico inúmeros expressivos exemplares de arquitectura civil e religiosa, quer da fase gótica, quer da barroca e rococó. Mas outros testemunhos encontramos, nas suas diversas expressões: a arte da talha; a imaginária; a pintura; a azulejaria; a ourivesaria; a organaria; o mobiliário e a paramentaria.

Esses espécimes, resultantes de encomendas pontuais ou integrados em vastos programas decorativos, traduzem a importância económica, política e religiosa de Guimarães. Mas valem também como testemunhos de percursos artísticos: das clientelas e dos artistas, em particular, e da vila de Guimarães em geral, e da forma como estes se articularam no espaço geográfico do Entre-Douro-e-Minho. Memória da passagem de cónegos e prelados da Colegiada, de abades, prioras, de juizes de irmandades e de ordens terceiras, de nobres e de provedores da Misericórdia, esses exemplares contam-nos ainda outras histórias: de ostentação, de riqueza, de gosto, de devoções particulares e até de rivalidades, nomeadamente com a Insigne e Real Colegiada de Nossa Senhora da Oliveira. Este importante capítulo de valorização artística de Guimarães, constitui-se assim como um testemunho de uma produção regional com características determinadas por cruzamentos vários, mas também de um universo mais vasto, cujas fronteiras ultrapassam o contexto de Guimarães. Falamos da arrematação de encomendas por artistas exteriores a Guimarães, reveladoras da flutuação do gosto e da importância de outros centros artísticos, designadamente dos actuais concelhos de Barcelos, de Braga, do Porto, de Santo Tirso e de Vila Nova de Famalicão e da mobilidade de artistas com os quais penetraram na vila novos discursos artísticos.

Todos estes encomendadores favoreceram a laboração de destacados mestres pedreiros, entalhadores, douradores e pintores oriundos do noroeste de Portugal, que exerceram a sua actividade em Guimarães, para onde foram chamados para conceber ou dar corpo a empreitadas de maior ou menor envergadura, para as quais a clientela rica reivindicava qualidade e prestígio.

Estas obras de talha, por vezes executadas em parcerias estabelecidas com mestres vimaranenses, aportaram uma determinante mais-valia à formação empírica destes artistas, permitindo deste modo às oficinas locais um contacto com a obra de outros mestres e oficiais.

Ao longo de vários séculos assistimos ao evoluir de um importante burgo. Hoje, os seus espaços dão vida a outras vidas, alguns laicizaram-se, têm outras funções mas, o espírito do lugar ali permanece, protegido e recuperado.

Este centro histórico conseguiu atravessar o tempo mantendo viva a mensagem do seu passado, possibilitando a todos aqueles que o percorrem atentamente, constatar o labor artístico de mestres locais, e de artistas oriundos de diferentes locais do noroeste português e da Galiza.

Bibliografia

ALVES, Natália Marinho Ferreira – “José António da Cunha Correia Vale”. In *Dicionário da Arte Barroca em Portugal*. Dir. José Fernandes Pereira, Coord. Paulo Pereira. Lisboa: Editorial Presença, 1989, pp. 515-516

BARROCA, Mário Jorge – “O século de Mumadona”, in *Mil anos a construir Portugal, catálogo*, coord. por Isabel Maria Fernandes, Guimarães, Câmara Municipal de Guimarães / Instituto Português de Museus/ Museu de Alberto Sampaio, 2000, pp. 16-17

BARROCA, Mário Jorge – “O século dos dois condados”, in *Mil anos a construir Portugal, catálogo*, coord. por Isabel Maria Fernandes, Guimarães, Câmara Municipal de Guimarães / Instituto Português de Museus/ Museu de Alberto Sampaio, 2000, p. 21

BARROCA, Mário Jorge – “O século de D. Afonso Henriques”, in *Mil anos a construir Portugal, catálogo*, coord. por Isabel Maria Fernandes, Guimarães, Câmara Municipal de Guimarães / Instituto Português de Museus/ Museu de Alberto Sampaio, 2000, pp.26-27.

DIAS, Pedro – *A arquitectura de Coimbra na transição do Gótico para a Renascença (1410-1540)*, Coimbra, Epatur-Edições portuguesas de arte e turismo, 1982.

36

FERREIRA, Maria da Conceição Falcão – “Duas vilas de um só povo”, in *Mil anos a construir Portugal, catálogo*, coord. por Isabel Maria Fernandes, Guimarães, Câmara Municipal de Guimarães / Instituto Português de Museus/ Museu de Alberto Sampaio, 2000, p.39

FERREIRA, Maria da Conceição Falcão - *Uma rua de elite na Guimarães medieval (1376/1520)*, Guimarães, Câmara Municipal de Guimarães, 1989

FERREIRA, Maria da Conceição Falcão - “Um percurso por Guimarães medieval do século XV”, in *Patrimonia. Identidade, Ciências Sociais e Fruição Cultural*, nº 1, Cascais, Patrimonia, 1996, pp. 9-16.

FERNANDES, Isabel Maria; OLIVEIRA, António José de – “Ofícios e mestres vimaranenses nos séculos XV e XVI” – in *Revista de Guimarães*, nº 113/114, Sociedade Martins Sarmento, Guimarães, 2003/2004, pp. 43-210.

GONÇALVES, Flávio – “A talha na arte religiosa de Guimarães” in *Congresso Histórico de Guimarães e sua Colegiada*, Actas, vol. 4, Guimarães, 1981, p. 337-366.

GUIMARÃES, Alfredo – *A arte em Portugal Guimarães monumental*, Porto, Marques Abreu, 1930.

MILHEIRO, Maria Manuela – “A visita do arcebispo D. José de Bragança a Guimarães e Terras Transmontanas”, in *Cadernos do Noroeste*, vol. 8 (nº1), Braga, Instituto de Ciências Sociais / Universidade do Minho, 1995, pp.5-12.

OLIVEIRA, António José de – “A actividade de artistas portuenses em Guimarães (1685-1768)”, sep. *Museu*, nº 11, 4ª série, Porto, Círculo Dr. José Figueiredo, 2002.

OLIVEIRA, António José de – “A actividade de entalhadores, douradores e pintores do Entre-Douro-e-Minho em Guimarães (1572-1798)”, in *VII Colóquio Luso-Brasileiro de História de Arte: artistas e artífices e a sua mobilidade no Mundo de Expressão Portuguesa*, Actas, Porto, Departamento de Ciências e Técnicas do Património da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2005, pp. 69-91.

OLIVEIRA, António José de - *A Confraria do Serviço de Santa Maria de Guimarães (séculos XIV-XVI)*, dissertação de mestrado em História e Cultura Medievais apresentada na Universidade do Minho, Braga, 1998, pp.247-257 (policopiada).

OLIVEIRA, António José de; SOUSA, Lígia Márcia Cardoso Correia de – “Fragmentos da vida e obra de Pedro Coelho, mestre escultor e entalhador de S. João de Gondar (sécs.XVII-XVIII)”, in sep. *Mínia*, 3ª série, nº 4, Braga, ASPA, 1996.

OLIVEIRA, António José de; OLIVEIRA, Lígia Márcia Cardoso Correia de Sousa – “Amaro José Farto, pedreiro galego na arquitectura vimaranense do século XVIII”, in sep. *Revista de Guimarães*, vol. 107, Guimarães, Sociedade Martins Sarmento, 1997.

OLIVEIRA, António José de; OLIVEIRA, Lígia Márcia Cardoso Correia de Sousa – “Mestres pedreiros portuenses em Guimarães (1734-35): sua actividade no convento de Santa Rosa de Lima”, in *I Congresso sobre a Diocese do Porto – Tempos e Lugares de Memória, Homenagem a D. Domingos de Pinho Brandão*, Actas, Porto/Arouca, Centro de Estudos D. Domingos de Pinho Brandão; Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Departamento de Ciências e Técnicas do Património; Universidade Católica Portuguesa, Centro Regional do Porto, 2002, vol. 1, pp. 297-328.

ROCHA, Manuel Joaquim Moreira da – “Pedreiros Galegos no noroeste português no século XVIII”, *VII Simpósio Hispano-Português de História del Arte. Las relaciones artísticas entre España y Portugal: artistas, mecenas y viajeros*. Actas, Cáceres/Olivença, 1993, pp.143-155.

SANTOS, Manuela de Alcântara – “Para uma biografia do mestre escultor e entalhador Ambrósio Coelho”, in *Mínia*, 3ª série, vol. 3, Braga, ASPA, 1995, p. 133-155.

SERRÃO, Vítor – “A arte. Guimarães na diáspora renascentista”, in *D. Manuel e a sua época nas colecções do Museu de Alberto Sampaio*, coord. por Isabel Maria Fernandes, Guimarães, Câmara Municipal de Guimarães/ Instituto Português de Museus/ Museu de Alberto Sampaio, 2001, pp. 10-11.

SERRÃO, Vítor – “As oficinas de Guimarães nos séculos XVI-XVIII e as colecções de pintura do Museu de Alberto Sampaio”, in *A colecção de pintura do Museu de Alberto Sampaio séculos XVI-XVIII*, Lisboa, Instituto Português de Museus, 1996.

António José de Oliveira – O PATRIMÓNIO ARTÍSTICO DO CENTRO HISTÓRICO DE GUIMARÃES (SÉCS. XII-XVIII)

Actas do Seminário Centros Históricos: Passado e Presente, pp. 26 a 38.

SMITH, Robert C. – *André Soares, arquitecto do Minho*, Lisboa, Livros Horizonte, 1973.

SMITH, Robert C. – *Frei José de Santo António Ferreira Vilaça. Escultor beneditino do século XVIII*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1972, 2 vols.